



# Caderno de Cultura Nódoa no Brim

## HAVERÁ FUNÇÃO NA LITERATURA?



*Eduardo Mahon (Escritor)*

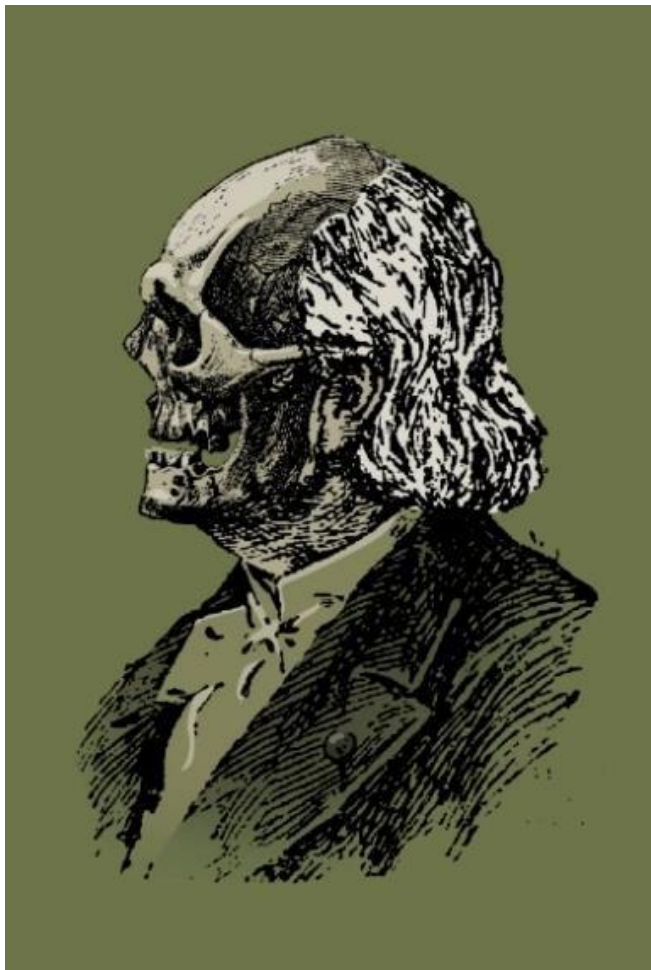
Recentemente, fui a uma das unidades da Unemat, em Tangará da Serra - MT. Tive uma grande surpresa em dividir a mesa expositora com o autor Ricardo Lísias, um homem bem preparado, escritor já reconhecido nacionalmente. Na fala que abriu o evento, Lísias abordou a “função contemporânea da literatura” como inclinada para o ativismo social. O escritor sustenta que a função de escrever deve estar comprometida com a transformação da realidade social, denunciando abusos e contradições. E, por isso, o incômodo é a sensação central que busca com esse recorte literário que pretende. Cá com os meus botões, fiquei pensando: onde fui me meter?; como posso pensar tão diferente desse reconhecido escritor?; não fica muito ruim discordar frontalmente dele diante de uma plateia com quase trezentos estudantes de graduação, mestrado e doutorado em letras? De qualquer forma, estava ali e tinha que dizer alguma coisa.

Qual a função da arte? Antes de responder a essa questão, formulei uma que a precede – a arte, afinal de contas, deve ter uma função? Noutras palavras – é possível pautar um artista com determinado tema ou finalidade? Por certo que não. Qualquer manifestação artística vem muito mais da necessidade íntima do artista em expressar-se do que de qualquer obrigação teleguiada. Justamente por isso é que o campo artístico é tão diverso como o próprio ser humano – cada qual faz o que entende interessante. Importa somente (nisso concordo integralmente com o escritor Ricardo Lísias) tocar intimamente o interlocutor. Se for pelo desconforto, tanto melhor. A emoção é o elemento central de uma literatura de qualidade. Mas, em termos de teleologia, a arte “não deve” nada. A literatura “não deve” nada. Impor uma tarefa, uma função e uma medida de eficiência para a escrita é tolher todas as demais possibilidades de produção que, cá entre nós, enriquecem a humanidade.



# DOUTOR FUNÉREO

*Eduardo Mahon*



um. Nenhum outro infeliz portaria o funesto homônimo. Nascido no mesmo dia? Impossível! Era ele mesmo. Funérea coincidência. Todavia, para um homem de ciência, coincidência é coisa que não existe. Impressionado, aferiu a pressão na farmácia e a temperatura com um termômetro que guardava no criado-mudo. Acreditou gozar da perfeita saúde, mas, não satisfeito, consultou o cardiologista, o psicólogo e até o dentista. Estava bem. Curiosamente, porém, leu novamente o próprio nome no jornal do dia seguinte. E assim sucessivamente, até se convencer de que havia algo errado.

Tomou um ônibus, seguiu ao necrotério para consultar os registros pessoalmente. De fato, Funéreo de Almeida havia se finado. Ao lado do nome, lia-se em que cemitério estaria enterrado. Anotou na palma da mão a quadra, o bloco e número do jazido indicado pelo administrador. Deparou-se com uma gaveta lavrada de mármore, com o nome impossível de ser confundido: Funéreo. Não se deu por vencido. Com o auxílio do cozeiro, invadiu o cemitério à noite e arrombou, a fim de colher uma amostra de cabelo do defunto. Mandou a mecha de ambos os Funéreos a um laboratório para solucionar o que parecia uma insólita coincidência. Assim que recebeu o envelope com os resultados, foi direto às conclusões: eram de uma mesma pessoa as madeixas investigadas. Sentiu-se mal. Atacou-lhe a sudorese; sentiu palpitação. Resolveu voltar ao cemitério. Lacrou novamente a gaveta. Dessa vez, com ele dentro. Morreu convicto.

MAHON, Eduardo. **Doutor Funéreo e outros contos de morte**. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato Editorial, 2014.

O nome do octogenário era Funéreo. Mais conhecido como Doutor Funéreo. Uma curiosa predisposição para a morte estava tatuada na certidão de batismo. Sob os protestos de familiares, o pai havia registrado a criança com essa maraca sinistra. Cresceu assim, apreciando tudo que se ligava à morte, talvez pelo conforto de unir a preferência ao próprio nome. Não foi surpresa ter se formado e se especializado como médico legista. Contrariando a praxe profissional, trocou o branco pelo negro, vestindo-se de luto. Aposentando-se, inaugurou um serviço funerário completo que oferecia o traslado e maquiagem do defunto, venda de caixões, reservas em cemitérios, escolha de músicas para velório e jardinagem de covas. O negócio desandou e acabou morrendo. Funéreo dedicou-se a outro infausto passatempo.

Fissurado pela morte em todas as dimensões, lia os obituários dos jornais. Relacionava sobrenomes, datas e escrevia aos periódicos exigindo que incluíssem a causa da morte de cada homenageado. Dono de uma mente lúcida e pródiga de ciência, supunha o câncer fulminante de um, a pancreatite aguda do outro, tudo baseado no cruzamento das idades, textos, e espaço comprado no jornal pela família. Animava-se para o velório ou enterro e, com mais frequência, comparecia às missas de sétimo dia.

Naquele dia, leu o próprio nome como falecido. Não teve medo, no entanto. Soltou um sorriso que economizava há anos e disse de si para si: *será?* Consultou o necrólogo novamente e confirmou: Funéreo de Almeida. Que se soubesse, havia apenas

**Caderno de Cultura**  
"Nódoa no Brim"

Realização: **Diário da Serra**  
O DIA-A-DIA DA NOTÍCIA  
ISSN 2238-6467

**UNEMAT**  
Universidade do Estado de Mato Grosso

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários  
**PPGEL**

**EDITORES**

*Walnice Vilalva* é Pós-doutora em literatura pela USP, e doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. É professora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários-PPGEL.

*Lilian Reichert Coelho* é doutora em Letras. É professora da UNIR e colaboradora junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários.

*Maria Madalena da Silva Dias* é graduada em letras, mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL).

*Fabiola Tormes*, direção e jornalismo do Diário da Serra.

e-mail: [wdiaspinono@gmail.com](mailto:wdiaspinono@gmail.com)  
**ENDEREÇO**  
Av. Tancredo Neves, 1247-W, Jardim do Lago II • Tangará da Serra-MT CEP: 78300-000 Fone(65) 3326-4724 Fax 3326-6501

Este caderno é parte integrante do Diário da Serra  
[www.diariodaserra.com.br](http://www.diariodaserra.com.br)

# HAVERÁ FUNÇÃO NA LITERATURA?



*Eduardo Mahon (escritor)*

Se e o texto tem uma dimensão social que aponte um problema, ótimo. Se o livro buscar sensibilizar o leitor sobre uma disfunção contemporânea, tanto melhor. Em termos de literatura tomada como arte, importa se é bem escrito, se emociona de alguma forma o leitor e se tem potencial de ser reproduzido/citado por alguma razão. Nada mais, nada menos. De outro lado, o texto foi idílico, tudo certo. Se não passar de uma manifestação romântica, que bom. Nem por isso, um livro será mais ou menos importante. A classificação não está fincada a um projeto social, a uma bandeira política, a qualquer cabresto predeterminado. De um mesmo autor, inclusive, pode surgir um livro-manifesto de forte apelo social, uma denúncia social bastante contundente e, de outro lado, uma rasgada prosa romântica sem que haja um escalonamento qualitativo entre as obras. Não consigo ver um Machado de Assis “menor” em *O Alienista* onde discute questões ontológicas do ser humano de um Machado de Assis “maior” em *Esaú e Jacob* no qual enfiou farpas na política nacional com os gêmeos que representavam ideias tão diferentes.

Por fim, a questão das representações. Meu nobre colega de exposição, premiado escritor Ricardo Lísias, entende que o autor não deve representar nenhum segmento diferente das origens dele mesmo. Noutras palavras: a escrita de um “branco” sobre a “comunidade negra” é uma espécie de furto de identidade de um “negro” que “deveria

tratar” sobre os próprios problemas. Fiquei pensando em Tarsila do Amaral, menina nascida em berço de ouro, que retratou a realidade da exploração industrial; em Portinari, filho de imigrantes italianos bem branquinhos, que pintou o drama dos retirantes nordestinos; em Di Cavalcanti, carioca da gema, pintor que estudou em Paris, que buscou inspiração na beleza negra brasileira; em Mário de Andrade, um pianista prodígio fluente no francês, que explorou elementos indígenas para mesclar estilos; em Guimarães Rosa, um sofisticado poliglota educado com refinamento numa família abastada, que foi garimpar a realidade dos sertões brasileiros... como se vê, não há “quotas” para a arte em suas temáticas e nem tampouco há vedações entre temas e autores.

A arte não “deve ser”. Não tem compromisso. Não tem missão. Não tem obrigações. Esse tempo em que a arte estava “a serviço de...” já passou. A literatura, portanto, não deve estar jungida a nenhuma missão social, amarras que podem muito bem sofrer manipulações das mais diversas naturezas. Nada contra quem tenha bandeiras e as empunhe com galhardia, fazendo da arte uma missão transformadora. É até inspiradora essa cruzada. Admirável também. O que não se pode é admitir um “escalonamento artístico” do bom e do mau, do certo e do errado, do que se deve e do que não se deve escrever para contribuir com a literatura contemporânea. De outro lado, é até risível a desqualificação de uma obra ou tema pela origem do autor ou a situação social do mesmo. Que eu saiba, um livro não se lê pela biografia do autor. É justamente o contrário.





# MR. NOBODY: UM RETRATO DAS AÇÕES ENQUANTO POSSIBILIDADE

Filosófico, reflexivo, onírico e peculiar: são inúmeros os termos possíveis para se classificar o filme belga **Mr. Nobody**, de Jaco Van Dormael. Uma produção de 2009, o longa traz a história de Nemo Nobody (Jared Leto), o último homem mortal. O contexto de ficção-científica, além de trazer todos os aspectos futuristas de uma sociedade onde a tecnologia supriu totalmente as necessidades mais primitivas do homem, serve também de mote para o relato do Sr. Ninguém sobre a sua vida; ou melhor, suas múltiplas vidas.

O filme não é linear. A história começa com uma pequena analogia entre a "superstição do pombo" e uma reflexão sobre o determinismo. Nemo, já então com seus 118 anos, está prestes a morrer. A iminência de tal fato e a insistência de um jornalista que pretendia registrar seus últimos dias, dentre outros fatores, acabam motivando o protagonista a contar os principais eventos da sua vida. A partir desse momento, todas as histórias começam a se ramificar. Nemo Nobody tivera uma infância feliz até a separação de seus pais. Ao escolher ir morar com um em vez de outro, a sua vida muda totalmente, e é aí que entramos no diferencial da história: todas as possíveis decisões e suas implicações são descortinadas, nada escapa. A teoria do caos é levada à última instância. Se o personagem escolhia ir por um caminho e não por outro, o enredo bifurcava-se e contava a história de ambas as perspectivas. Se Nemo decidisse casar-se com uma garota e preterisse outras duas, todo o enredo, a partir daquele ponto, mostraria as consequências das duas decisões.

O lema central é: tudo permanece possível enquanto não decidirmos qual escolha tomar. Uma excelente análise do binômio ação-reação que permeia as relações humanas.

A trilha sonora e a fotografia são provavelmente o grande destaque. O filme é marcado por um forte toque onírico e surreal. As cores são vivas e alternadas. Os cenários apresentam certa mobilidade, como numa maquete. Há diversas pausas no enredo para a inserção de metáforas visuais intrigantes, além dos efeitos de regressão. A mitologia criada para o filme — anjos que prenunciam a chegada de alguém ao mundo — adjunto das pequenas explicações científicas,

*Luan Paredes Almeida Alves (UNEMAT)*

dão um caráter didático para uma produção cujos nuances só são percebidas ao tentarmos juntar todas as histórias contadas.

Se o filme peca pela longa duração e algumas passagens não menos maçantes, o simbolismo e a filosofia nas entrelinhas compensam todos os seus 150 minutos. **Mr. Nobody** é uma obra que precisa ser digerida aos poucos. As camadas de sentido, ao serem desbravadas pelo olhar clínico do espectador atento, promovem inúmeras interpretações. Se pudermos aderir a uma definição mais subjetiva, diremos que **Mr. Nobody** é uma das poesias audiovisuais mais bem-feitas da primeira década do nosso século. Certamente, uma produção que marcará a todos que assistirem.



## Livro de Cabeceira

# APRENDER A REZAR NA ERA DA TÉCNICA: POSIÇÃO NO MUNDO DE LENZ BUCHMANN

*Renatto M. Bonin (UNEMAT)*

Constituindo uma obra impactante e sombria da literatura atual em língua portuguesa, *Aprender a Rezar na Era da Técnica* (2007) é o último livro da tetralogia O Reino (Livros Pretos), do premiado escritor e professor universitário português Gonçalo M. Tavares. A obra situa-se em um país não específico, em uma época de tranquilidade que, no entanto, carrega o período de guerra vivo na memória.

O romance é dividido em três grandes partes — Força, Doença e Morte — com um narrador onisciente que nos conta a posição do protagonista Lenz Buchmann no seu próprio mundo. Lenz era um respeitado e competente cirurgião que não possuía o menor resquício de humanismo: “Nunca o ouviriam gritar pela causa humana [...] a compaixão era um sentimento desnecessário...” (p. 66). A Lenz, apenas a competência o motivava, a ponto de transitar da medicina para a política, uma vez que ansiava por não mais salvar uma pessoa de cada vez, mas sim “operar” uma sociedade inteira, aumentando o alcance de sua competência.

Sua obsessão pela figura austera do pai, a quem ele idolatrava e imitava, norteiam as ações da personagem por toda a narrativa, contribuindo com sua necessidade de estar entre as “pessoas fortes”. Porém, um acontecimento não esperado e de força maior faz com que sua ascensão seja prejudicada.

A escrita de Tavares, repleta de uma linguagem que não busca afagar o leitor, choca pela sua insensibilidade, tanto que, na maioria das vezes, é carregada de sarcasmos e ironias, ao projetar uma personagem que sente prazer em humilhar as “pessoas fracas”, “que nasceram e foram educados para matar” (p.107), tomado por uma violência que, nem sempre, era física, mas que era cruel e machucava do mesmo modo.

Por toda a leitura do romance nota-se a intertextualidade com líderes, chefes, ou mesmo instituições que existiram em vários momentos da história do mundo e que se assemelham às condutas do protagonista. Existem Lenz em todos os lugares, sendo, por esse motivo, essa obra, de uma contemporaneidade ímpar, a ponto de ratificarmos o que Jose Saramago disse, em 2005: “Gonçalo não tem o direito de escrever tão bem apenas aos 35 anos, dá vontade de lhe bater”.

